

APRESENTAÇÃO

O vol. 22 nº 2 da revista *Em Tese* traz como tema o dossiê MITO E LITERATURA. Objeto de estudo da filosofia há pelo menos alguns séculos e matéria de investigação de antropólogos e etnólogos há várias décadas, o mito desperta, ainda hoje, a atenção e a reflexão de pesquisadores de outras diversas áreas. Dentre elas, a literatura. Sabe-se que os mitos dos diferentes povos originários do mundo foram os ingredientes principais da invenção de suas literaturas. A literatura brasileira, em especial em seu período romântico e, posteriormente, modernista, é indubitavelmente marcada pela presença dos mitos e cosmovisões indígenas e afrobrasileiras. Obras de grande importância nossa literatura, como *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, *O Guesa*, de Sousândrade, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, e várias outras, circulam pelo território mitológico dos povos originários que habitam o Brasil.

Há pelo menos três décadas, tem surgido no país uma nova, porém muito antiga, literatura. Povos como os Maxakali, os Huni Kuĩ, os Kamayura, e os afrobrasileiros, além de uma dezena de outros, tem publicado livros que cumprem o importante papel de dar a ler à sociedade brasileira suas existências – suas histórias, artes, costumes e práticas culturais – a partir da escrita. Esses livros, escritos nas línguas maternas e também em português, constituem uma literatura emergente, que embora só agora apareça sob a forma do livro impresso, sempre existiu.

Nessa perspectiva, o **Dossiê** traz sete trabalhos que tratam das interseções entre o mito, a literatura, as artes e outras humanidades. Em “Índios – identidades, artes, mídias e conjunturas”, o artista Makuxi Jaider Esbell apresenta, na forma de um ensaio, uma original e contundente perspectiva acerca da arte contemporânea indígena e do papel do índio artista.



Cynthia de Cássia Santos Barra, em seu artigo intitulado “Objetos míticos americanos: livros dos povos tradicionais e experiências de leitura da autoria indígena no Brasil”, analisa três obras literárias de autoria indígena e reflete, a partir delas, sobre as relações entre o mito e a literatura. A partir dos pensamentos de Roger Caillois e Odo Marquard, Bianka Teixeira de Andrade Silva propõe uma discussão acerca da noção de mito e de sua indispensabilidade para as culturas humanas. No artigo “Kãns Kãns Karã – O canto do pica-pau”, Rafael Castro de Souza elabora, a partir de um detalhe de uma narrativa mítica do povo Huni Kuĩ, uma reflexão sobre a (im)possibilidade da existência de um pássaro mágico fora do âmbito literário. No ensaio-manifesto “A deformação da literatura brasileira” Rafael Otávio Fares Ferreira apresenta uma discussão sobre a inserção da textualidade indígena que tem sido produzida no Brasil. Já Josiley apresenta em “Pelos tramas do Quibungo” uma relação entre o tecer e o texto em

transcrições de contos orais afrobrasileiros envolvendo o Quibungo e artesãos, além de pensar o uso desta relação no contexto escolar. Por fim, Cesar Augusto López Nuñez realiza uma leitura do Guesa de Sousandrade mostrando a importância do mito na composição do poema em “Dinâmica del mito en *O Guesa* de Sousândrade”.

Na seção **Teoria da Literatura e Ensino de Literatura**, o ensaio de Josué Borges de Araújo Godinho explicita a crítica feita por David Harvey ao pensamento de Jean-François Lyotard. Nesse sentido, Godinho passa, sobretudo, por debates ligados a conceitos como pós-modernidade e justiça, além de repensar questões como a linguagem e o sujeito.

Na seção **Crítica Literária, outras Artes e Mídias**, Rafael Guimarães Tavares Silva propõe uma reflexão acerca da gênese da condição humana, a partir do estudo comparativo das narrativas hebraicas e helênicas, considerando,

ainda, implicações da animalidade, da autoridade, do gênero e do sacrifício nessas tradições mito-poéticas.

Na seção **Tradução e Edição**, contamos com duas traduções do alemão para o português e uma do inglês para o português. Em uma delas, Constantino Luz de Medeiros traduz “Sobre o valor estético da comédia grega”, texto de Friedrich Schlegel, publicado pela primeira vez por Johann Biester no ano de 1794 no *Berlinische Monatschrift* [Revista mensal berlinense]; a segunda, é uma tradução de Georg Otte para o texto “Louvor do Politeísmo”, de Odo Marquard, publicado a primeira vez em 1979. E por fim, Charles Bicalho traduz o prefácio do livro *Look to the mountain – an ecology of indigenous education*, escrito Gregory Cajete, indígena do pueblo de Santa Clara.

Na seção **Em Tese**, outras abordagens: Enivalda Nunes Freitas e Souza aproxima as obras de Dora Ferreira da Silva e João Guimarães Rosa a partir de um mítico encontro dos

escritores em 1957. Andressa Kelly Soares Mulato e Carlos Velázquez tratam das mudanças do mito do herói na indústria cultural e dos ideais promovidos por essas mudanças. Em “História profunda e história natural em W. G. Sebald”, Paula Carolina Betereli trabalha distintos conceitos de história em relação à obra do escritor alemão W. G. Sebald. Marcelo Maldonado Cruz, no artigo “Por um Eros furioso e terno: Uma abordagem poética contemporânea do mito de Eros no livro *Bolha de luz*, de Hermínio Bello de Carvalho” analisa uma rendição contemporânea do mito de Eros na obra do poeta e compositor brasileiro. Em “O mito do Sebastianismo revisitado em *Jornada de África*, de Manuel Alegre”, Leonardo von Pfeil Rommel analisa a reescrita do mito do sebastianismo na primeira obra em prosa do poeta português Manuel Alegre. Em Noll contempla Narciso: a escrita em reflexo”, Francisco Renato Sousa investiga a relação entre autor e obra na composição da escrita literária dos

romances *Bandoleiros* e *Solidão continental*. Jonas Miguel Pires Samudio em “A superfície persistente do começar: escrita-leitura em Maria Gabriela Llansol” tece, a partir de fragmentos de *Inquérito às quatro confidências*, de Maria Gabriela Llansol, uma reflexão acerca da escrita-leitura, partindo de uma articulação entre o texto llansoliano e o texto bíblico, sobremaneira o mito edênico. Fernanda Dusse em “No limite do corpo: João Gilberto Noll e o fim da mitologia” discute como o texto de Noll revê o espaço da mitologia, da história e da cultura na sociedade contemporânea. E por fim, Lucas Toledo de Andrade investiga em seu artigo as relações entre mito e literatura trazidas pelo movimento surrealista, bem como o conceito de iluminação profana, oriundo dos estudos de Walter Benjamin a respeito dessa vanguarda.

Na seção **Entrevistas**, apresentamos depoimentos de quatro professores Huni Kuĩ sobre o passado, presente e

futuro da educação escolar Huni Kuĩ. Essas falas foram coletadas durante o Curso de Hãtxa Kuĩ, evento ocorrido entre novembro e dezembro de 2016 na Terra Indígena Praia do Carapanã, cujo objetivo foi realizar um planejamento político e pedagógico do ensino da língua (Hãtxa Kuĩ) e das áreas do conhecimento diferenciadas nas escolas das mais de 90 aldeias Huni Kuĩ do estado do Acre.

Na seção **Resenhas**, Rafael Fava Belúzio apresenta a coletânea *Poesia total*, que reúne a obra poética de Waly Salomão e traz ainda, em Apêndice, um conjunto de textos críticos sobre o poeta. Em um texto também poético, Belúzio recupera os principais traços da poesia de Sailormoon, “habitante do indecível”.

Finalmente, a seção **Poéticas** conta com uma série de trabalhos visuais e poéticos que se relacionam, de distintas maneiras, com a matéria mítica. O artista Jaider Esbell, autor

de um dos ensaios do Dossiê, colabora também com essa seção da revista por meio da reprodução de cinco obras que retratam, com o seu toque artístico único, o universo mítico do povo Makuxi. A artista belorizontina Juliana Gontijo apresenta dois trabalhos da sua mais recente exposição, intitulada “Radical – Terra”. Esta seção traz ainda: dois cantos tradicionais do povo Huni Kuĩ, apresentados na língua original – o Hãtxa Kuĩ – e na tradução feita por Maria Inês de Almeida em colaboração com o artista e mestre do canto Huni Kuĩ Isaías Sales Ibã Kaxinawá; um canto sagrado Mbya Guarani, traduzido por Josely Vianna Baptista; um mito Teletransmbyáguaranizado al portunhol selbagem por Douglas Diegues; três cantos da etnia Maxakali do livro *Cantos dos povos morcego e hemex espíritos* e três textos do livro *Ymanihar Panduha As palavras antigas da etnia Káapor*.

Boa leitura!

Aline Sobreira de Oliveira

Carolina Anglada

Douglas Silva

Josué Borges de Araújo Godinho

Rafael Castro

Rafael Fava Belúzio

Rafael Otavio Fares

